

# Filme sua terra e será universal: a história do cinema no Brasil

Embora todos os obstáculos, a produção brasileira cresceu e sem perder sua identidade



Não é novidade que o cinema nacional é um importante segmento da economia brasileira. É só ver o valor adicionado pelo audiovisual no Produto Interno Brasileiro, em 2019 (último dado disponível pela Agência Nacional do Cinema - Ancine), que ficou em 27,5 bilhões de reais, representando em torno de 0,4% do PIB total do País. Para além de dados econômicos, existe toda uma trajetória que colaborou para construir não somente a indústria cinematográfica brasileira, mas uma identidade própria que, por sinal, ganhou o mundo.

Tudo começou em 1896, com as primeiras imagens registradas por estrangeiros que chegavam ao Brasil. Em pouco tempo, o País começou a ter salas de exibição e uma produção local, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. “A ênfase eram as narrativas em espaços chiques, como o hipódromo ou os salões de festas. Negros ou pobres eram pouco representados”, afirma Miriam de Souza Rossini, doutora em História e professora de Cinema Brasileiro no Departamento de Comunicação da Ufrgs.

A partir dos anos 1920, os ciclos de produção regionais trouxeram novas temáticas, como o campo, no Rio Grande do Sul, e os pescadores em Pernambuco. E em Minas Gerais, o diretor Humberto Mauro desenvolveu uma nova estética, com abordagens mais sociais e que marcaria o cinema brasileiro a partir dos anos 1930. Entre os filmes dessa época destacam-se *Lábios sem Beijo* (1930), e em *Ganga Bruta* (1933).

Miriam conta que os anos 1930 também viram nascer as primeiras chanchadas, que alcançaram seu auge na década seguinte. “Nelas, vem uma nova visão de brasileiro: os ricos e poderosos, em geral mal-intencionados, trapalhões, covardes, mas de bom coração.” Tempos depois, na década de 1950, surgiu a produtora paulista Vera Cruz, investindo em um cinema industrial, de qualidade e contrário à comichidade das chanchadas. A maioria dos filmes procurava resgatar a representação da sociedade brasileira, privilegiando uma classe social abastada, como em *Floradas na Serra* (1954). Também nos anos 1950, a influência do neo-realismo italiano e seus filmes sociais feitos em locações e externas, encontrou no Brasil um grupo de jovens cineastas, que propunha uma produção independente, autoral e comprometido com uma visão crítica sobre o País. Era o embrião do Cinema Novo. “O auge desse novo cinema é entre 1963 e 1964, com a trilogia da fome: *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, e *Os Fuzis*, de Ruy Guerra.” Após o golpe militar de 1964, os cineastas do movimento passaram a ser censurados e, ao final da década, começaram ganhar destaque as produções de terror de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, e o Cinema Marginal, cujo esteticamente, cheio de palavras e retratando a violência através de personagens à margem da sociedade. Exemplos são *O Bandido da Luz Vermelha* (1968) e *O Anjo Nasceu* (1969).



*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de 1964, é um dos representantes do Cinema Novo



*Central do Brasil*, de 1998, ganhou o Globo de Ouro e foi indicado ao Oscar



*Toda Nudez Será Castigada* levou o kikitó em 1973



*Cidade de Deus*, sucesso de bilheteria em 2002



*A Despedida*, destaque em Gramado em 2014

## Da Pornochanchada à crise da indústria cinematográfica

Nas produtoras de cinema da Boca do Lixo, onde muitos filmes marginais foram produzidos, surgiram as primeiras pornochanchadas, misturando humor e erotismo, e, mais tarde, as produtoras de pornografia. Para Miriam, embora a grande maioria das pornochanchadas apenas insinuasse o sexo, com os títulos explorando

o duplo sentido das narrativas, essas comédias eróticas, que alcançaram um grande sucesso de público durante um período conservador e repressivo na história do País, marcaram negativamente o imaginário sobre o cinema brasileiro. Isso fortaleceu, afirma a pesquisadora, o ocorrido em 1990, quando o presidente

Fernando Collor de Mello fechou a Embrafilme e retirou todo o apoio governamental à indústria cinematográfica. Essa medida gerou a maior crise do setor em décadas, não havendo quem defendesse o cinema feito no País. “Até 1990, o Brasil produzia mais de cem filmes por ano, e caiu para sete longas-metragens em quatro anos.”

## Retomada do cinema brasileiro na década de 1990

A década de 1990 marcou o que ficou conhecido como Cinema de Retomada. “Os filmes do período resgataram questões de identidade cultural, com forte relação com aqueles produzidos nos anos 1960. Entre *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, (1964), de Glauber Rocha, e *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles Jr., há um tipo de discurso que os aproxima e que se materializa por meio da imagem cinematográfica; há uma busca por redescobrir o Brasil”, afirma Miriam. A diferença, segundo ela, é que o enfoque das histórias sobre a exclusão não ficou concentrado no campo ou no sertão. “Os cineastas voltaram-se às grandes cidades, retratando a violência e a marginalidade.” É por isso que o sucesso de *Cidade de Deus* (2002), de Kátia Lund e Fernando Meirelles, é o marco da pós-retomada, no qual o cinema brasileiro volta a reencontrar seu público e sua continuidade de produção. Miriam comenta que a produção ficou muito mais barata no novo milênio, por isso filmes universitários, autorais e experimentais estão expandindo a ideia do que é o cinema brasileiro.